

O sagrado no museu e a arte nas igrejas: distintas perspectivas do patrimônio em Ouro Preto/MG

El sagrado en el museo y el arte en las iglesias: distintas perspectivas del patrimonio en Ouro Preto/MG

Dra. Liliana Porto¹

Resumo

Ouro Preto/MG é um dos destinos de turismo histórico mais relevantes do Brasil. Tombada como patrimônio cultural brasileiro em 1938 e reconhecida como patrimônio cultural da humanidade pela UNESCO em 1980, a cidade representa a maior expressão do que é conhecido como “barroco mineiro”. Além disso, foi local em que ocorreu o movimento da Inconfidência Mineira (sec. XVIII), alçado a expressão da luta política nacional contra a colonização a partir da instauração da República (final do sec. XIX). Ao turismo se conjuga a presença na cidade de uma grande universidade federal (UFOP), formada em 1969 a partir da junção entre a Escola de Farmácia (1839) e a Escola de Minas (1876). Assim, parte significativa das pessoas que frequentam a sede do município, principalmente em suas regiões centrais, é composta por pessoas de fora. Por outro lado, a população local é em geral invisibilizada, com exceção de alguns momentos festivos religiosos, como o Reinado de Santa Efigênia, a Semana Santa e o Corpus Christi – que também têm apelo turístico. No restante do ano, as atividades católicas são intensas, mas mantidas distantes da programação turística e frequentadas quase exclusivamente por ouro-pretanos. Festas religiosas (com culto a inúmeras imagens), procissões, missas, etc. marcam o cotidiano de uma população com 83% de autodeclarados católicos (Censo Demográfico 2010) e cuja prática religiosa se vincula a uma tradição da religiosidade barroca instaurada no período colonial. Acrescente-se que os museus de arte sacra da cidade se situam em espaços diretamente vinculados às igrejas e os objetos ali presentes também têm uso religioso (saem em procissões e recebem culto em momentos específicos). A proposta dessa apresentação é refletir sobre como ouro-pretanos e turistas lidam com os espaços e objetos religiosos a partir de perspectivas distintas.

Palavras-Chave: patrimônio, museus, barroco mineiro, catolicismo, Ouro Preto.

Resumen

Ouro Preto/MG es uno de los destinos turísticos históricos más relevantes de Brasil. Catalogada como patrimonio cultural brasileiro en 1938 y reconocida como patrimonio cultural de la humanidad por UNESCO en 1980, la ciudad es la mayor expresión del llamado “barroco mineiro”. Además, fue donde tuvo lugar el movimiento de la Inconfidencia Mineira (siglo XVIII), elevado a expresión de la lucha política nacional contra la colonización desde la instauración de la República (fines del siglo XIX). Al turismo se conjuga la presencia en la ciudad de una gran universidad federal (UFOP), formada en 1969 por la junción de la Escola de Farmácia (1839) con la Escola de Minas (1876). Así que parte significativa de las personas que asisten a la sede municipal, en especial en sus regiones centrales, está compuesta por forasteros. Por otro lado, la población local es invisibilizada, con la excepción de algunos momentos festivos religiosos, como el Reinado de Santa Efigenia, la Semana Santa o el Corpus Christi – que también tienen atractivo turístico. En el resto del año, las actividades católicas son intensas, pero mantenidas lejos de la programación turística y frecuentadas casi solo por ouro-pretanos. Fiestas religiosas (con culto a varias imágenes), procesiones, misas, etc. marcan el cotidiano de una población con 83% de autodeclarados católicos (Censo Demográfico 2010) y cuya práctica religiosa está vinculada a una tradición de religiosidad barroca establecida en el período colonial. Hay que añadir que los museos de arte sacro de la ciudad se encuentran en espacios directamente relacionados a las iglesias y los objetos presentes en ellos también tienen uso religioso (salen en procesiones y reciben culto en momentos específicos).

¹ Doutora em Antropologia Social; Programa de Pós-Graduação em Antropologia e Arqueologia da UFPR; Curitiba, Paraná, Brasil; lilianaporto1@gmail.com.

La propuesta de esta presentación es reflexionar sobre cómo ouro-pretanos y turistas tratan los espacios y objetos religiosos desde distintas perspectivas.

Palabras claves: patrimonio, museos, barroco mineiro, catolicismo, Ouro Preto.

1. Contexto: esboço da constituição histórica de Ouro Preto

A apresentação proposta consiste em reflexões preliminares sobre pesquisa recentemente iniciada e cujo projeto original de trabalho de campo foi inviabilizado pelas medidas sanitárias relativas à pandemia do coronavírus. Seu eixo compreende a análise da articulação entre sagrado, arte e mercado através de espaços e objetos religiosos e suas relações com distintos sujeitos sociais no contexto de Ouro Preto/MG – Brasil. Para tanto, é preciso conhecer alguns aspectos do processo histórico que levou a cidade a ser, hoje, um dos principais destinos de turismo histórico/artístico e referência de patrimônio material no país. Bem como uma cidade universitária relevante. Mas, simultaneamente, um local onde os “nativos” são quase invisíveis para os forasteiros.

O início da ocupação colonial da atual cidade de Ouro Preto deveu-se às descobertas, nos últimos anos do sec. XVII, de grande quantidade de ouro na região, em várias áreas relativamente próximas. Essas lavras, segundo Rafael Machado (2011), foram local de origem dos primeiros povoados que, na segunda década do sec. XVIII, seriam reunidos para a formação de Vila Rica, com a conseqüente construção da “Praça” (atual Praça Tiradentes), ligando seus dois principais arraiais (Ouro Preto e Antônio Dias – respectivas paróquias de N. Sra. do Pilar e N. Sra. da Conceição) e recebendo importantes prédios públicos. Arraiais que, nas palavras do autor, eram:

Usualmente originados a partir de seus templos religiosos (...) a presença da cultura católica naquelas terras teria assumido importantes papéis tanto espacial quanto socialmente na conformação do tecido urbano, principalmente ao longo do século XVIII (MACHADO, R., 2011, p. 29).

Na citação de Machado é possível perceber, além do impacto espacial dos primeiros templos na organização do espaço urbano de Vila Rica, indícios da relevância social do catolicismo no processo de colonização do Brasil, que adquire matizes específicos na região mineradora (aurífera e diamantífera). Eduardo Hoornaert (1978) explicita, ao abordar a formação do catolicismo brasileiro, como a empresa colonial não pode ser desvinculada da expansão/imposição do catolicismo nos territórios conquistados. Mas esse vínculo se dá de maneira particular nas Minas, principalmente pela proibição da presença de ordens religiosas e lugar de destaque ocupado pelas irmandades leigas – responsáveis não apenas pela estruturação e financiamento do catolicismo na região, mas também pela organização da vida social no período colonial/imperial.

Assim, por um lado, os templos religiosos vão, ao longo do sec. XVIII e XIX, marcar o espaço urbano de Ouro Preto. Templos imponentes e ricamente ornamentados, tanto em sua arquitetura quanto em seus objetos e imagens, que posteriormente constituirão o que se denominou “barroco mineiro” (cf. MACHADO, L., 1991). Por outro lado, estabelece-se um calendário intenso de celebrações e festas católicas já desde as primeiras décadas da colonização. O exemplo mais conhecido é a celebração do Triunfo Eucarístico – ocorrida em 1733 e cuja descrição foi publicada em 1734 (cf. MACHADO, S., 1901) – em que se realiza a transladação do Santíssimo Sacramento da Igreja de N. Sra. do Rosário para a nova Matriz de N. Sra. do Pilar com uma procissão suntuosamente organizada. Acrescente-se que as

irmandades leigas têm, cada uma, seus santos de devoção representados em imagens e cujas festas são importantes eventos sociais para toda a vila.

Mas o contexto de Vila Rica não é marcado apenas pela ordem e religiosidade. Desde o início, revoltas e contestações ao poder colonial ocorrem, seguidas de forte repressão e da instauração de um sistema de controle formal já no início do sec. XVIII. A vila torna-se capital da Capitania de Minas Gerais em 1720, com todo o aparato político-administrativo correspondente. Em 1789, foi lugar de articulação da frustrada Inconfidência Mineira, fortemente reprimida, sendo o principal ato de repressão o enforcamento do alferes de alcunha Tiradentes, seu esquartejamento e exposição de partes de seu corpo pelas ruas locais. Com a proclamação da república no Brasil, o movimento e Tiradentes passam a ser importantes símbolos da nacionalidade (cf. LIMA, 1902).

A transferência da capital da então Província de Minas Gerais para a Cidade de Minas em 1897 (em 1901 renomeada Belo Horizonte) modificou de maneira rápida e radical o contexto de Ouro Preto, que se esvaziou abruptamente com a mudança de parte significativa da população para a nova capital. Muitos imóveis foram inclusive abandonados por seus antigos donos, devido ao pouco valor que passaram a possuir. As Escola de Farmácia (1839) e Escola de Minas (1876) beneficiaram-se desse esvaziamento urbano com a ampliação de seu patrimônio imobiliário (recebido através de compra, doação, cessão, etc.), permitindo que ocupassem áreas antes destinadas à administração pública (como o antigo Palácio do Governo) e casarões, parte deles atribuídos até os dias de hoje a repúblicas (federais) de estudantes. Essa mudança abrupta contribuiu, ainda, para a manutenção da estrutura urbana da região central de Ouro Preto, com seus casarios, prédios públicos e templos coloniais.

A importância do mito da Inconfidência Mineira para o Brasil republicano e a grande riqueza arquitetônica e artística do núcleo urbano levaram a que a cidade fosse declarada patrimônio cultural brasileiro em 1938 e patrimônio cultural da humanidade (UNESCO) em 1980. Bem como que se tornasse um dos principais destinos de turismo histórico no Brasil. No entanto, a relação com o turismo se dá essencialmente a partir da referência aos séculos XVIII e XIX, sendo desconsiderada a história da cidade desde então e invisibilizada a população local. Há uma ênfase no patrimônio material e uma desconsideração do patrimônio imaterial da cidade, principalmente religioso (as três exceções anuais são o Reinado de Santa Efigênia – janeiro –, as festividades da Semana Santa e do Corpus Christi).

2. Turistas e ouro-pretanos frente aos espaços e imagens sagrados

O contexto anteriormente descrito faz com que o espaço urbano de Ouro Preto seja ocupado por distintos grupos – que poderiam ser reunidos em população local, turistas e comunidade universitária – sendo os dois últimos em geral compostos por forasteiros. Não somente eles são relativamente separados, mas também há espaços que são regularmente frequentados por apenas um deles. Por outro lado, há locais que contam com a frequência de mais de um desses grupos, mas a relação com eles se dá de maneiras muito distintas.

A proposta, aqui, é de pensar dois desses grupos – turistas e população local – em relação às igrejas e museus de/com a presença de arte sacra. Com efeito, a separação entre arte sacra e locais de culto e devoção não é tão clara em Ouro Preto. É curioso notar que os três museus dedicados especificamente a arte sacra da cidade são localizados ou em templos religiosos (o Museu de Arte Sacra encontra-se nas dependências da Igreja de N. Sra. do Pilar, e o Museu do Aleijadinho na Igreja de N. Sra. da Conceição) ou em um anexo de templo (o Museu do Oratório se encontra na antiga Casa do Noviciado do Carmo, anexo da Igreja de N. Sra. do Carmo). Além disso, os objetos e imagens presentes nos dois primeiros museus são

também objetos de culto em momentos específicos do ano, sendo retirados da exposição para tanto. Acrescente-se que o Museu da Inconfidência, situado na antiga Casa de Câmara e Cadeia e criado para receber os restos mortais dos inconfidentes na década de 1930, possui como parte de seu acervo inúmeras peças de arte sacra, inclusive dos principais artistas coloniais (Mestre Ataíde e Aleijadinho). Por outro lado, grande parte das obras exemplares do “barroco mineiro” situa-se em igrejas que são locais de culto por parte da população católica de Ouro Preto (83% dos habitantes segundo Censo Demográfico de 2010) na atualidade.

A presença dos turistas nas igrejas históricas de Ouro Preto aponta como, para eles, há pouca distinção entre esses espaços e os museus. Em várias delas, inclusive, a visita ocorre em momentos em que o templo não é usado para culto – visita cobrada e orientada por guias que ressaltam as características artísticas e arquitetônicas do edifício e de seus objetos. A existência de obras realizadas por figuras consagradas como Mestre Ataíde ou Aleijadinho sempre ganha destaque. A riqueza dos entalhes e da policromia com uso de ouro provocam expressões de admiração e encantamento. Mesmo nos momentos em que estão ocorrendo atos religiosos (e em alguns casos em especial nesses momentos, pois há igrejas que permanecem fechadas em outros horários), há turistas entrando e admirando os aspectos materiais do templo, sem qualquer adesão aos ritos. Algumas vezes, inclusive, com comportamentos condenados pelos moradores católicos presentes – como no caso por mim presenciado em que um turista entrou com um charuto aceso na Igreja de São Francisco durante a adoração do Santíssimo que ocorria em meio às festividades de celebração do santo padroeiro, gerando indignação de algumas pessoas (apenas comentada entre elas, não explicitada para o turista).

Se essa postura dos turistas é em certa medida previsível, não surpreendendo a uma observadora externa, muito mais intrincada e sutil é a relação dos moradores católicos de Ouro Preto com o patrimônio material de arte sacra da cidade, com os espaços sagrados e com as organizações religiosas leigas. Em geral invisibilizados nos discursos públicos, como dito anteriormente, através das atividades religiosas católicas os ouro-pretanos se relacionam com o ambiente da cidade. Ocupam os templos em missas e festas, sacralizam as áreas públicas com procissões, vinculam-se a irmandades leigas e, em algumas dessas irmandades, garantem seu lugar após a morte pelo direito de serem sepultados em seus cemitérios. O número de celebrações a santos é significativo e em geral envolve atividades em vários dias consecutivos (novenas, tríduos, vésperas, adorações, procissões, dia festivo, etc.), concentradas em suas igrejas específicas ou nas igrejas que detêm as imagens dos santos homenageados. Os fiéis responsabilizam-se por vestir os santos, ornamentar os templos e transformá-los também em um lugar vivido na contemporaneidade. Preenchem as naves e altares com flores, velas, orações, cânticos, danças (essas últimas em especial no caso dos santos de devoção negra).

Mas o mais interessante em todo esse processo é que as ações são restritas ao círculo dos iguais, sendo acessíveis apenas àqueles que já têm contato com os espaços e conhecem as rotinas do mundo católico ouro-pretano. Assim, convites dos eventos são impressos e distribuídos na comunidade, mas não há divulgações coletivas e, principalmente, não há interesse em que eles passem a compor o calendário turístico da cidade (com exceção dos três casos acima mencionados, em que os forasteiros podem participar como assistência, não como organizadores). As filiações a irmandades leigas são restritas, exigindo desde frequência a um curso anual todos os fins de semana até a presença na cidade por um período de mais de dez dias (intervalo entre a proposição como irmão e a posse). Nos casos das irmandades com cemitérios, há inclusive listas de espera para a filiação. A invisibilidade não é, portanto, algo negativo, sinal de desvalorização e/ou estigmatização, mas uma importante estratégia de manutenção de uma esfera de controle próprio em uma cidade marcada pela presença de

forasteiros. Em outras palavras, os católicos ouro-pretanos resistem pela afirmação de sua existência, r-existem (cf. PORTO-GONÇALVES, 2006).

Nessa r-existência também há uma recusa em dessacralizar o sagrado – o que ocorreria com o deslocamento dos objetos de culto para museus. Não apenas por vários deles, como mencionado, continuarem sendo cultuados em alguns momentos, deixando o mundo “morto” dos museus para se trasladarem ao mundo “vivo” das celebrações, ou por estarem os museus de arte sacra próximos das igrejas. Também por ser possível observar atitudes individuais de reverência a objetos sagrados que as pessoas se recusam a tratar apenas como objetos. Assim, um vigia do Museu da Inconfidência me contou que sabia que as imagens presentes no museu deveriam ser apresentadas aos visitantes como arte, mas que todos os dias, ao passar em frente a uma imagem de N. Sra. da Conceição para abrir uma das janelas, fazia a ela uma oração.

Concluo com uma anotação do diário de campo (que me parece ilustrativa de outra perspectiva em relação ao museu) sobre um relato de outro vigia do Museu do Oratório, em resposta a minha pergunta acerca da relação das pessoas com os objetos ali expostos:

...comenta que naquele final de semana mesmo havia acontecido algo curioso: um rapaz que usou o banheiro do museu, ao sair, ajoelhou-se em frente à vitrine da lojinha (em que há pequenos oratórios entre os objetos comercializados, todos com seus preços) e fez o sinal da cruz. Em seguida, levantou-se e foi embora (Diário de campo – 25/09/19).

Referências

ACHINTE, Adolfo A. *Prácticas creativas de re-existencia*. Más allá del arte... el mundo de lo sensible. Buenos Aires: Del Signo, 2017. 165 p.

HOORNAERT, Eduardo. *Formação do catolicismo brasileiro. 1550-1800*. Petrópolis: Vozes, 1978. 140 p.

LIMA, Antônio Augusto. Comemorações cívicas. *Revista do Archivo Público Mineiro*, v. 7, n. 3, p. 851-855, 1902. Disponível em: www.siaapm.cultura.mg.gov.br/acervo/rapm_pdf/1243.pdf. Acesso em: 05/05/2020.

MACHADO, Lourival G. *Barroco mineiro*. São Paulo: Perspectiva, 1991. 439 p.

MACHADO, Rafael P. *Os processos de (re)estruturação do tecido urbano de Vila Rica: a influência da Igreja Católica*. 2011. 256 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo) – Escola de Arquitetura, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2011.

MACHADO, Simão F. Triunfo Eucharístico. *Revista do Archivo Público Mineiro*, v. 6, n. 2, p. 985-1016, 1901. Disponível em: http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/acervo/rapm_pdf/1617.pdf. Acesso em: 05/05/2020.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. *A reinvenção do território: a experiência latino-americana e caribenha*. In: CECENIA, Ana E. (Org.). *Los desafios de las emancipaciones en un contexto militarizado*. Buenos Aires: CLACSO, 2006. p. 151-197. Disponível em: <http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/gt/20101019090853/6Goncalves.pdf>. Acesso em: 25/06/2019.

SCORZA, Manuel. *Historia de Garabombo el invisible*. La Plata: De la Campana. 2010. 251 p.